

GRUPO ON LINE CRIANÇAS UNIDAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

CLARISSA DE SOUZA CARDOSO¹; ROBERTA ANTUNES
MACHADO²; LIAMARA DENISE UBESSI³; LUCIANE PRADO
KANTORSKI⁴; VALÉRIA CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – e-mail: cissascardoso@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Universidade Federal de Pelotas – e-mail: roberta.machado@riogrande.ifrs.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – e-mail: liubessi@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – e-mail: kantorskiluciane@gmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – e-mail: valeriacoimbra@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A escuta de vozes na infância, que outras pessoas não escutam, é um assunto pouco explorado no Brasil. Uma das razões para este fato, pode estar relacionada com o modo que a sociedade percebe o fenômeno, de um lado o discurso biomédico e psiquiátrico, que a considera como sintoma de uma doença, a esquizofrenia. De outro lado, há associação dessa experiência ao imaginário da criança, como se fosse fictício (VELLUDO E SOUZA, 2015a; 2016b; MELLO et al., 2017). Estas crenças, mesmo sustentadas cientificamente não respondem as necessidades de cuidado com as crianças que escutam vozes (CARDOSO et al., 2018).

As crianças que possuem na sua história de vida a experiência com as vozes, visões, cheiros e sensações necessitam de espaços que validem estas informações, pois essa experiência é real para quem as experimenta (CARDANO, 2018; KANTORSKI et al., 2018). Algumas crianças entendem essa experiência como algo natural, que é parte da sua vida e do seu desenvolvimento, enquanto que para outras crianças essa experiência não é tão tranquila (CARDOSO et al., 2018; CONTINI, 2017).

Os grupos de ouvidores de vozes têm demonstrado a potencialidade de se compartilhar experiências e novas estratégias para lidar com as vozes, assim como a capacidade de se reconhecerem expertises em sua experiência que é natural, subjetiva e por isso singular. Vale dizer que somente quem a tem, pode falar sobre ela, como se manifesta, em quais momentos, se existem uma ou mais vozes (FERNANDES, 2017; BAKER, 2016; KANTORSKI et al., 2018).

Devido às medidas de isolamento social, orientadas pela Organização Mundial da Saúde - OMS (2020) em razão da pandemia do novo corona-vírus, optou-se por realizar o grupo com crianças que ouvem vozes, a exemplo de outros grupos de Ajuda Mútua já existentes em ambiente virtual, via whatsapp, como o Grupo de Ajuda Mútua- AMA ouvidores (as) de vozes destinado ao público adulto, o qual é uma iniciativa da Coletiva de Mulheres que ouvem vozes de Pelotas (CMOV). O objetivo do trabalho é relatar a experiência com o grupo online realizado com essas crianças que tem em sua vida a experiência da audição de vozes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que se vincula ao estudo “Com a palavra as crianças: narrativas sobre a escuta das vozes”, o qual faz parte de um estudo maior intitulado: “Avaliação dos Centro de Atenção Psicossocial

Infantojuvenil do Rio Grande do Sul (CAPSi-RS)”, financiada pelo CNPq e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob o parecer de nº 3.023.338. O grupo com as crianças acontece pelo aplicativo whatsapp com o nome Grupo Crianças Unidas, são dois dias na semana, com duração de uma hora a cada encontro. Optou-se por esta via de comunicação pela facilidade de participação das crianças, já que as mesmas dominam a tecnologia deste recurso. A participação das crianças ocorreu mediante contato telefônico prévio e autorização dos seus e suas responsáveis legais, as/os quais também estão inseridas/os no grupo. A mediação do grupo é realizada por duas estudantes da Pós-graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo é um espaço seguro, uma vez que acolhe as demandas das crianças sem julgamentos em relação as suas experiências com as vozes, visões, cheiros e sensações, mas não somente em relação a elas, pois caso outras necessidades surgirem na medida em que as interações acontecem, também vão sendo acolhidas pelas mediadoras do grupo.

As interações acontecem tanto por mensagem de texto, por áudio ou ainda chamada por vídeo pelo próprio aplicativo. Ressalta-se que as experiências vão sendo compartilhadas conforme as crianças se sentem preparadas para falar sobre elas. Utilizam-se questões com base no Maastricht Interview Child or adolescent with hear voices (MIC) para ajudar no início das narrativas, sendo assim, são questões para contextualizar a experiência, como um mapeamento da escuta de vozes.

Essas experiências como vimos são singulares e únicas, as vozes podem vir de dentro da cabeça ou de fora dela, podem ter várias vozes ou somente uma. A voz pode ser a narrativa sobre algo ou alguém ou ainda falar com a própria pessoa, a manifestação pode durar de minutos, horas ou mesmo durar o dia todo, podem ser positivas, negativas ou ambas, amigáveis, de comando, conselheiras, neutras, difamadoras e/ou acusadoras (BAKER, 2016; CONTINI, 2017). Relaciona-se a(s) voz(es) com a história de vida de cada pessoa, assim conteúdo e características dependerão do contexto das mesmas.

A maneira mais apropriada para cuidar das crianças que possuem a experiência de ouvir vozes é estabelecendo um diálogo com as mesmas para que pensem sobre as vozes, qual o momento que aparecem, qual o contexto de vida social e afetiva da criança (INTERVOICE, 2017). O primeiro e principal passo estratégico para lidar com a(s) voz(es) é aceitá-la(s), para depois entendê-las, outra possibilidade é prestar atenção somente na(s) voz(es) positiva(s), pois segundo Baker (2016) não é eficaz negar a experiência.

4. CONCLUSÕES

O trabalho contribui para acolher a experiência das crianças e respectivas famílias na relação com as vozes, entendendo que as crianças são as autoridades máximas no que diz respeito ao fenômeno, resgata-se que as vozes não são sintomas de uma doença ou algo da sua imaginação, mas sim algo real. Este tipo de abordagem evita a patologização e estigmatização da experiência e a produção de sofrimento psíquico, pois as pessoas participantes vão tecendo novas perspectivas e estratégias para lidar com as vozes. Além disso, reconhece as crianças como sujeitos ativos no seu processo de desenvolvimento.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDANO, M. O movimento internacional de ouvidores de vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v.8, n.esp., e188405, 2018.

CARDOSO, CS, PEREIRA, VR, OLIVEIRA, NA, COIMBRA, VCC. A escuta das vozes na infância: uma revisão integrativa. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 8, n.esp., e188405, 2018.

CONTINI, C. **Ouvir vozes: manual de enfrentamento**. Pelotas. Cópias Santa Cruz, 2017.

FERNANDES, HCD. Alucinação auditiva: sintoma de doença ou possibilidade de ser do-ente?. **PÓLEMOS**. Brasília, v.6, n.12, p.48-68, 2018.

KANTORSKI, LP; MACHADO, RA; ALVES, PF; PINHEIRO, GW; BORGES, LR. Ouvidores de Vozes: características e relação com as vozes. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v.8, n.esp., e188430, 2018.

MELLO, DGS; SILVA, HF; MOURA, ITT; BARBOSA, SS. O Psicionamento dos pais sob a ótica dos amigos imaginários. **Psicologia**, São Paulo, p.1-9, 2018.

VELLUDO, NB.; SOUZA, DH. A criação de amigos imaginários: uma revisão de literatura. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n.1, p. 25-37, 2015a.

VELLUDO, NB; SOUZA, DH. "Ele me deixava especial": amigos imaginários, suas funções e atitudes parentais. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 115-126, 2016b.